

A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul¹

Bruna PROVENZANO²

Prof. Dr. Marcos Emílio SANTUÁRIO³

Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, RS

RESUMO

O estudo tem como tema a participação das mulheres no radiojornalismo esportivo no estado do Rio Grande do Sul. O objetivo é resgatar a história das profissionais que atuaram neste segmento e analisar a atual intervenção feminina na programação esportiva das emissoras de rádio gaúchas. Para a realização deste estudo, foram feitas entrevistas com as mulheres pioneiras e também com mulheres que trabalham atualmente no radiojornalismo esportivo. Também se buscou referenciais teóricos sobre a história e as características do jornalismo esportivo além das questões relativas aos gêneros. Como forma de quantificar a participação atual das mulheres no radiojornalismo e radiojornalismo esportivo gaúcho, foi realizada uma pesquisa entre as rádios que operam em amplitude modulada (AM) do Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: radiojornalismo; esporte; mulheres; gênero.

TEXTO DO TRABALHO

O radiojornalismo esportivo foi um dos primeiros gêneros da radiodifusão a ser constituído e até hoje é tema permanente de muitos programas durante a semana e principalmente nos finais de semana, quando acontece a maior parte dos jogos de futebol. SOARES (1994, p. 17) destaca que “O rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa”.

Sobre a importância deste gênero, historicamente visto com indiferença mesmo nas redações, Ferraretto (2001, p. 315) lembra que “o primeiro setor organizado para a cobertura esportiva é anterior ao surgimento das redações estruturadas de noticiários”. Em 1947 a Rádio Panamericana contava com um Departamento de Esportes composto por locutores, comentaristas e repórteres.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo da Feevale-RS, email: brunaprovenzano@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo da Feevale-RS, email: santuário@feevale.br.



A primeira narração detalhada de um jogo de futebol aconteceu no dia 19 de julho de 1931. O locutor Nicolau Tuma da Rádio Sociedade Educadora Paulista narrou a partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, válida pelo VIII Campeonato Brasileiro de Futebol. Não havia repórteres nem comentaristas, apenas o narrador descrevia as jogadas. Nesta época, tanto o rádio quanto o futebol viviam fases semelhantes. Ambos tentavam a profissionalização depois de um período voltado à elite.

Foi na década de 1960 que ganhou destaque um dos personagens mais importantes do futebol e da imprensa esportiva do Brasil. João Saldanha era o comentarista da Rádio Guanabara e, conforme afirma Ribeiro (2007), foi responsável por revolucionar a função. Em 1969, ele foi escolhido como treinador da Seleção Brasileira. Foi a primeira – e até hoje única – vez que um jornalista assumiu o comando técnico da equipe. Grandes nomes do jornalismo esportivo surgiram na década de 1970 no Brasil. Jovens como Milton Neves, Osmar Santos, Fausto Silva, José Silvério, Juka Kfoury e Galvão Bueno estavam tendo as primeiras experiências em campo.

Radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul

As primeiras emissoras de rádio do Rio Grande do Sul já realizavam transmissões esportivas, principalmente resultados de futebol e de turfe. Entretanto, o marco inicial desta trajetória aconteceu no dia 19 de novembro de 1931, na primeira transmissão radiofônica de uma partida de futebol. De acordo com Dalpiaz (2002) a cidade de Porto Alegre estava mobilizada para acompanhar o jogo entre Grêmio Football Porto-Alegrense e a Seleção do Paraná. O duelo aconteceu no Estádio da Baixada e a narração foi feita por Ernani Ruschel na Rádio Sociedade Gaúcha.

Na década de 30, Breno Caldas, sócio-proprietário da Rádio Sociedade Gaúcha, contratou Oduvaldo Cozzi, que era narrador esportivo e diretor artístico da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. As transmissões de jogos, até então, limitavam a informar o nome do jogador que conduzia a bola com os intervalos preenchidos por música. Cozzi foi quem criou a narração lance por lance, descrevendo as jogadas com detalhes além de comentar a partida durante o intervalo.

Em 1944, a Rádio Gaúcha transmitiu pela primeira vez uma partida de futebol fora do estado. O jogo entre as seleções do Rio Grande do Sul e Paraná foi narrado por

Farid Germano direto de Curitiba. Também foi a Gaúcha a emissora responsável pela primeira transmissão internacional esportiva do estado. Foi no dia 14 de maio de 1949 no jogo entre Grêmio e Nacional, no Estádio Centenário, em Montevideu. A narração foi feita por Cândido Norberto dos Santos.

A popularização da televisão passou a influenciar diretamente as programações radiofônicas não só no estado, mas em todo Brasil. Logo no início da década de 1970, enquanto a Guaíba modernizava suas instalações, a Rádio Gaúcha passava por uma crise e desmontava temporariamente o departamento de esportes. A retomada só aconteceu após o sucesso de um novo programa criado na Gaúcha. Foi nesta fase que Cândido Norberto apresentou à emissora a proposta de criar um dos programas de maior sucesso do radiojornalismo esportivo do Rio Grande do Sul e que está no ar até hoje: o Sala de Redação.

A década de 80 marca o período de liderança da Rádio Gaúcha e declínio da Guaíba. O ano de 1986 foi o marco da consolidação da Rádio Gaúcha como líder do mercado. Para Dalpiaz (2002), a emissora inaugurou uma outra fase no jornalismo esportivo gaúcha. Além dos profissionais contratados, também havia investimento nas melhorias técnicas como, por exemplo, a instalação da torre mais alta do país, com 230 metros.

Da mesma forma que o futebol foi tornando-se cada vez mais profissional a partir da década de 1990, também os veículos de comunicação passaram a investir ainda mais nas coberturas esportivas. Houve, nos últimos anos, de acordo com a autora citada, (2002, p. 135), “uma valorização expressiva nas cotas de publicidade, acirrando a concorrência para a obtenção dos direitos de transmissão.”

Relações de gêneros

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, as mulheres passaram a ocupar – de maneira mais substancial – espaços na sociedade que até então eram exclusivamente preenchidos por homens. Para Matos (2002) esta “presença-visibilidade” das mulheres estimulou pesquisadores a estudarem estes novos agentes sociais principalmente a partir dos anos 1960. Foi então que surgiram os estudos de gênero, conceito das Ciências Sociais relativo à construção social do sexo. Matos (2002, p. 241) afirma ainda que “Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que a

construção do feminino e masculino define-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinados.” Relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas são alguns dos aspectos que produzem as referências culturais.

Para Colling (2004, p. 28) o objetivo do estudo de gênero é “[...] introduzir na história global a dimensão da relação entre os sexos, com a certeza de que esta relação não é um fato natural, mas uma relação social construída e incessantemente remodelada, efeito e motor da dinâmica social.” O uso deste conceito tem relações que inclui o sexo, entretanto transcende as diferenças biológicas, genéticas e anatômicas dos seres humanos conforme afirma a autora:

Falar em gênero em vez de falar em sexo indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção, de uma engenharia social e política. Ser homem/ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos.. (COLLING, 2004, p. 29)

Desde que a História existe como disciplina científica, no século XIX, os homens foram, por muito tempo, os únicos historiadores e escreveram a história sob ponto de vista masculino, tido como universal. As mulheres eram, então, ocultadas como sujeito, tornando-se invisíveis, já que a história delas desenvolveu-se à margem do que foi contato pelos homens. A partir disso os sexos passaram a assumir valores diferentes, o masculino aparece como superior ao feminino. E é exatamente da complexidade da compreensão da relação entre homem e mulher que se pode definir a função deste conceito, que tem como base um conjunto de fatores sociais e culturais.

Conforme Prá (2001, p. 150) os movimentos sociais urbanos originados a partir de 1960 contribuem para uma nova inscrição das mulheres na esfera pública, participantes ativas na vida social, política e econômica. Este avanço estimula os estudos sobre gênero e “[...] traz uma contribuição efetiva para o conhecimento feminista a descartar a ênfase que vinha sendo dada ao determinismo biológico e introduzir uma perspectiva relacional entre os sexos, destacando o caráter social e cultural das diferenciações presentes na divisão sexual.” Ainda sobre a produção de

estudos sobre o tema, Colling, (2004, p. 36) afirma que se reivindica o “protagonismo das mulheres na história”.

Sobre a igualdade, Marodin (2001) destaca a valorização da diferença nas tarefas desempenhadas por homens e mulheres na família. A autora ressalta, entretanto, que não se entenda diferença a partir de desigualdade e desvalorização e sim de reconhecimento.

Igualdade não significa que marido e mulher devem absorver as mesmas tarefas, nos mesmos modos e na mesma quantidade. O importante é o sentido de reciprocidade onde cada um esteja convencido de que o outro faz cargo de alguma responsabilidade e que as respectivas contribuições têm valor e fazem parte de um equilíbrio. (MARODIN, 2001, p. 16)

Em busca desta valorização e da mudança da desigualdade cultural construída historicamente, as mulheres buscam por meio dos conceitos e relações de gênero o reconhecimento social e político que lhes foi negado. Para Matos (2002) o que se busca com estudos e pesquisas sobre a relação entre os sexos é recuperar a atuação das mulheres como sujeitos ativos da sociedade.

Uma das mais destacadas contribuições do movimento feminista foi a intensificação da entrada das mulheres no mercado de trabalho, participando social e profissionalmente, e que pode ser considerado um rompimento nos procedimentos culturais da época. De acordo com Prehn (2004), esta participação fez com que as mulheres pudessem exercer a cidadania tão esperada – e batalhada.

Uma das primeiras mulheres de destaque no Jornalismo brasileiro foi a professora mineira Francisca Senhorinha da Motta Diniz, que em 1873 lançou o jornal *O Sexo Feminino*, na cidade de Campanha, Minas Gerais. O periódico tinha tiragem de 800 exemplares e buscava evidenciar a luta pela educação, instrução e emancipação das mulheres.

A partir da década de 70 é que a imprensa começou a abrir espaços para as mulheres jornalistas. A pesquisadora Alzira Alves de Abreu (2006) relembra que, a partir da regulamentação da profissão em 1969, surgiram no Brasil diversas faculdades voltadas para a formação de jornalistas. A autora lembra ainda que “[...] a entrada de um grande número de mulheres nas redações a partir da década de 1970 não foi um

fenômeno específico do meio jornalístico, mas acompanhou uma tendência geral observada em todo país.” (ABREU, 2006, p. 9)

Com a ascensão das mulheres no jornalismo, algumas questões foram reformuladas não só pela conquista do espaço nas redações de jornais e revistas, mas também pela ocupação de cargos de chefia. Para Mello (2003), a entrada das mulheres no jornalismo se deu principalmente pela universidade, isto porque, quando da regulamentação da profissão, os profissionais que já atuavam na área garantiram o direito de permanecer da profissão. Na trajetória do rádio no Brasil, as mulheres tiveram atuação fundamental em dois gêneros: a radionovela e o radioteatro. Entretanto, com o surgimento da televisão a programação radiofônica passou por transformações. Os programas de auditório e as produções com enredo deram lugar às informações e notícias. A partir de então, as mulheres tornaram-se cada vez mais raras nos microfones, principalmente das rádios AM.

A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo brasileiro teve como uma das primeiras e mais marcantes experiências a equipe formada na Rádio Mulher, em 1971, em São Paulo. O projeto ousado e inovador para a época foi idealizado pelo dono da emissora, Roberto Montoro. Ele formou uma equipe composta unicamente por mulheres que fazia a cobertura de jogos de futebol. O slogan da equipe da Rádio Mulher era “A cada mulher a mais no estádio, um palavrão a menos.” Existiam, entretanto, algumas diferenças entre os temas abordados por estas mulheres e pelos homens até então responsáveis pelas coberturas esportivas. De acordo com Barbieri (2008) “Elas analisavam a beleza dos jogadores, foi Zuleide quem começou a falar das pernas famosas do goleiro do Palmeiras na época, Emerson Leão, a limpeza dos uniformes, e davam um tom sutil às transmissões.” Em 1974, a direção da Rádio Mulher decidiu contratar homens para as coberturas esportivas, e assim, foi desfeita a primeira equipe de esportes formada exclusivamente por mulheres.

Uma das primeiras mulheres a trabalhar no radiojornalismo esportivo no estado do Rio Grande do Sul foi Eva Mendonça, na década de 1960. Entretanto, “Evinha”, como era conhecida, não trabalhava diretamente na equipe esportiva, e sim no departamento de notícias da Rádio Gaúcha. De acordo com Ary dos Santos (2009), coordenador de esportes da emissora à época, a participação de Evinha na programação acontecia de maneira esporádica em atividades administrativas ou rádio escuta.



Alguns anos mais tarde, em 1970, a Rádio Gaúcha contratava pela primeira vez uma mulher para compor o departamento de esportes da emissora. Logo no primeiro ano de faculdade de jornalismo, Rita Campos Daudt conseguiu a vaga como repórter de campo. Entretanto, para conseguir realizar as entrevistas com os jogadores, ela precisava organizar anteriormente com quem falaria e quais seriam as perguntas, isso porque muitos atletas ignoravam os chamados da repórter na beira do campo pelo fato de se tratar de uma mulher. Rita também percebia o preconceito entre os colegas de trabalho e por isso contava com a atenção e o zelo do chefe de esportes Ary dos Santos, conforme relata:

Alguns repórteres de esporte do rádio eram bem machistas e, por conta disto, o Ary sempre me escalava junto com o Cláudio Brito, a quem delegava a tarefa adicional de me cuidar dos ‘lobos’. Eu era uma menina, recém tinha entrado na faculdade, e até hoje louvo este cuidado que ele teve. (DAUDT, 2009)

Outra dificuldade para a realização do trabalho de uma mulher no radiojornalismo esportivo na época era a circulação dentro dos estádios de futebol no Rio Grande do Sul. Rita trabalhou no departamento de esportes da Rádio Gaúcha por seis meses e logo depois transferiu-se para a área de Marketing da RBS.

Quase uma década mais tarde, em 1978, a Rádio Gaúcha teria outra mulher atuando no esporte. Carmem Sílvia Rial, a “Peninha”, havia entrado na emissora um ano antes a convite de Eduardo Meditsch para trabalhar como redatora de notícias no Departamento de Jornalismo. A transferência para o esporte aconteceu meses antes da realização da Copa do Mundo de Futebol de 1978. Para a cobertura do evento, a Rádio Gaúcha criou um núcleo de pesquisa para a redação de textos de apoio que seriam utilizados pelos repórteres, comentaristas e locutores.

Depois da Copa, Peninha passou a integrar de maneira efetiva o departamento de esportes como redatora, escrevendo textos para os programas. Em pouco tempo tornou-se editora. Em virtude da estrutura do departamento, Peninha também tinha liberdade para sugerir e criar produtos novos para a programação da rádio. Em uma dessas iniciativas, a jornalista criou o *compacto* de após jogo, uma edição das melhores frases da rodada que incluía os gols. Ela relata que o ambiente era propício para estas



inovações, que só são possíveis “quando se está cercada por pessoas que têm confiança no seu trabalho e incentivam a criação. As idéias eram apoiadas. Podia-se criar.” (RIAL, 2009). Outra atividade que Carmem desempenhou de maneira inédita para uma mulher, foi a coordenação de jornadas esportivas.

Apesar de ser a única mulher entre tantos homens, Peninha não percebia diferença no tratamento por parte dos colegas. Ela afirma que se “sentia respeitada pelo que sabia, como profissional, gostava de falar com eles sobre o que nos ligava ali, o futebol e isso era fascinante.” (RIAL, 2009) O trabalho de Carmen na Rádio Gaúcha foi sempre nos bastidores e na produção. Por preferência, ela nunca buscou espaço nas reportagens de campo e só participava destas atividades quando necessário, muito raramente, como em casos de tradução de entrevistas, já que fala inglês.

Mesmo considerando que o gênero não tenha sido decisivo no exercício profissional na rádio e que “Pesou mais o fato de [...] conhecer bem o universo do futebol, passado e presente.” (RIAL, 2009), por ser mulher a jornalista encontrou facilidades na comunicação com algumas fontes femininas de informação como mães e esposas dos jogadores de futebol que sentiam mais liberdade em falar com uma outra mulher. Em uma dessas ocasiões, Peninha conseguiu com exclusividade – fato muito valorizado na época – a informação de que Batista, na época jogador do Internacional, estava assinando contrato para jogar no Grêmio. Quem passou a informação foi a própria mãe do jogador.

Para ela, a oportunidade de trabalhar no radiojornalismo esportivo surgiu principalmente pela decisão de três homens: Ruy Carlos Ostermann, Felix Valente e José Roberto Garcez. A jornalista afirma que “[...] eram pessoas que tinham forte atuação sindical e que eram abertos à participação feminina. Os três eram homens feministas, tanto é que abriram esse espaço, antes inexistente, para que eu pudesse trabalhar ai.[...] Para meu crescimento pessoal e profissional, o departamento esportivo foi muito importante e guardo as melhores recordações[...].” (RIAL, 2009).

Em 1982, Peninha saiu da Rádio Gaúcha para trabalhar como professora no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Apesar de gostar das atividades que realizava no Departamento de Esportes da emissora, após quatro anos de trabalho Peninha decidiu buscar novos desafios profissionais.

Já no começo do século 21, a Rádio Gaúcha voltou a ter uma mulher trabalhando na equipe de esportes. Paula Alvim foi convidada para produzir e apresentar o quadro “Fofocas no Mundo da Bola” no programa Sábado Esporte. O objetivo da atração era comentar aspectos pessoais da vida de atletas e dirigentes. Pouco – ou quase nada – se falava sobre o desempenho nas competições. Em 2007, Paula transferiu-se para o canal esportivo Sportv.

Em maio de 2004, a Rádio Bandeirantes inovou e contratou uma mulher para o departamento de esportes, mas desta vez para atuar, também, como repórter de campo. Entretanto, a carreira de Débora de Oliveira havia começado seis anos antes na Rádio ABC, em Novo Hamburgo, cidade do interior do Rio Grande do Sul. No início, ela participava como repórter na arquibancada, entrevistando torcedores sobre as expectativas e opiniões em relação ao desempenho das equipes. Pouco tempo depois, a repórter passou a acompanhar os treinos durante a semana e a fazer reportagens em campo nos jogos. Ela afirma que “Foi legal porque eu tive um espaço na Rádio ABC, que é uma rádio do interior onde tu tens que fazer tudo, em todas as áreas. Tu tens que produzir, tu vai para a rua como repórter, tu é ancora, tu tens que juntar cabo. De tudo um pouquinho eu aprendi.” (OLIVEIRA, 2009)

Seis anos mais tarde, ela foi convidada para integrar a equipe de esportes da Rádio Bandeirantes, em Porto Alegre. Apesar das dificuldades, Débora conseguiu no radiojornalismo esportivo, chegar até onde nenhuma mulher tinha ido no Rio Grande do Sul. Além de acompanhar os treinos direto nos estádios e fazer reportagens de campo no gramado durante os jogos, ela produzia e apresentava – sozinha – um programa nos domingos pela manhã, horário considerado nobre na programação esportiva. Dois anos depois, Débora de Oliveira deixou o rádio e a Bandeirantes. Foi contratada pela RBS e passou a trabalhar apenas na televisão.

Para quantificar as mulheres que trabalham atualmente no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul organizou-se a tabela a seguir:

Tabela 1- Mulheres no radiojornalismo Esportivo no Rio Grande do Sul

MULHERES	JORNALISMO	ESPORTE
821	237	7

Foram consultadas todas as rádios AM cadastradas da Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão, AGERT. O cadastro é composto por 178 emissoras que operam em amplitude modulada no Rio Grande do Sul. Apesar das tentativas e buscas de informações, com seis destas emissoras não foi estabelecido contato e, portanto, não constam no resultado do estudo.

Nas 172 rádios consultadas, contabilizou-se 821 mulheres trabalhando em atividades gerais, contemplando serviços gerais, setor comercial e administrativo. Destas, 237 exercem funções de jornalismo como apresentação, reportagem, locução e produção, número que representa 29% no número total de mulheres que trabalham em rádios no Rio Grande do Sul. A média é de 4,7 mulheres trabalhando por rádio. Das 237 mulheres que atuam em jornalismo nas emissoras de rádio do Rio Grande do Sul, sete trabalham diretamente com produções esportivas, seja apresentação de programas, reportagens de campo ou comentários de jogo. Este número equivale a 3% das mulheres na função. Embora a proporção de mulheres no jornalismo seja maior em Porto Alegre em relação a outras cidades, observou-se que mais da metade – 57% – das mulheres envolvidas com esportes trabalham em emissoras do interior.

Durante os Jogos Olímpicos de Pequim, realizados em agosto de 2008, duas profissionais ingressaram em departamentos de esportes de rádios de Porto Alegre.. Na Gaúcha, a estagiária Gabriela Aerts trocou o Departamento de Jornalismo, onde havia entrado no mês anterior, para compor o esporte. Já na Guaíba, foi a jornalista Mariana Oselame quem mudou de setor. Ela saiu do Departamento de Jornalismo após dois anos para ingressar no de esporte.

Mariana afirma que a maior dificuldade que enfrenta no dia a dia de trabalho é a diferença de volume de informação entre ela e os colegas. Ainda de acordo com a jornalista, as mulheres não são estimuladas a acompanhar as notícias futebolísticas da mesma forma que os homens:

A gente não tem todo volume de informações que eles têm, até por acompanhar, eles tem aquelas coisas de saber onde tal jogador joga, onde o outro está, e o fulano se transferiu tal ano. Mulher não tem o costume de acompanhar isso. Eles acompanham isso desde que são pequenos, então tem uma diferença no conteúdo na quantidade de informação acumulada. (OSELAME, 2009)

Assim como Mariana, Gabriela Aerts, da Rádio Gaúcha, foi transferida do Departamento de Jornalismo para o de Esportes, a função da estagiária é basicamente na produção dos programas da emissora além da edição e gravação de alguns boletins. Pela natureza do trabalho, Gabriela não tem contato direto com jogadores e dirigentes, apenas por telefone para marcar horários de entrevistas. Sobre a relação com os colegas de trabalho, a estudante afirma que sempre teve facilidade em se “[...]fazer respeitar no meio masculino[...]”.

Em janeiro de 2009 a acadêmica de Jornalismo passou a trabalhar na Rádio Bandeirantes, também em Porto Alegre. Como demonstrou interesse pelo Departamento de Esportes, Clarissa passou por um período de teste acompanhando a produção dos dois setores até que surgisse a oportunidade de ser transferida para o esporte, o que aconteceu em maio do mesmo ano.

Além das rádios de Porto Alegre, quatro emissoras do interior do estado contam com o trabalho de mulheres no departamento de esportes. Em Santa Maria, na Rádio Imembuí AM, trabalha Viviana Fronza. Além da produção e apresentação de um programa diário que ela divide com um colega, a jornalista também faz reportagens de campo nas transmissões dos jogos e apresenta os programas que antecedem as jornadas esportivas. Mara Steffens trabalha na Rádio Diário da Manhã AM, na cidade de Carazinho. Depois de dois anos trabalhando no departamento de jornalismo da emissora ela passou a fazer, também, reportagens esportivas especialmente durante as partidas de futebol que acontecem na cidade e são transmitidas pela rádio.

A experiência em radiojornalismo esportivo de Meilene Fontes teve início na Rádio Clube, de Bagé, em 2004. Em abril de 2009, a profissional foi contratada pela Rádio Nativa AM, de Rio Grande, para ser repórter de campo nas coberturas esportivas realizadas pela emissora. Ela também participa dos programas de esportes produzidos na emissora. Sobre a participação feminina neste segmento, Meilene sugere que “[...] o importante é querer ser vista como profissional, não como mulher. Isso faz diferença: trabalhar de igual para igual.”(FONTES, 2009).

Diferente do trabalho realizado por todas as outras profissionais citadas neste capítulo, Patrícia Zanella exerce a função de comentarista esportiva na Rádio Ametista

AM, na cidade de Planalto. Formada em Jornalismo, trabalha desde 1999 na emissora. Em 2007, criou um programa diário sobre esportes e em seguida passou a comentar as partidas transmitidas pela rádio. Apesar da participação de mulheres nesta função não ser frequente, Patrícia afirma que o público acompanha e participa positivamente dos programas.

Apesar de não estarem cadastradas como emissoras AM pela AGERT – e portanto não estarem presentes na pesquisa supra citada – outras duas emissoras gaúchas contam com o trabalho de mulheres nas produções esportivas. Em Carlos Barbosa, na Rádio Estação FM 89,5, trabalha Roberta Baldasso. A outra emissora que não consta na pesquisa é a Rádio Equipe, da cidade de Sapucaia do Sul. A representante feminina trabalhando no esporte é Ana Carolina Veríssimo. Além de apresentar programas, Ana Carolina também participa de coberturas esportivas como repórter de campo.

Tanto as profissionais que atuam no interior do estado quanto as que trabalham na capital, destacam que ainda existe preconceito, embora hoje não seja tão explícito quanto elas pensam que era no passado. Sobre o começo de sua carreira, Rial (2009) afirma que “É provável que no início tenha havido alguma desconfiança da parte de alguém, pois uma mulher para se dar bem no mundo dos homens precisa ser duas vezes mais competente, pois se é duas vezes mais cobrada.” Para Rial, os homens já são estimulados a acompanhar as notícias de futebol desde pequenos, o que tem reflexo no exercício da profissão em relação às mulheres já que o rádio é um veículo cuja maior parte da programação é ao vivo. Ela afirma ainda que:

É muito melhor conversar com homens sobre futebol do que com mulheres. Elas não são iniciadas como se costuma iniciar os meninos a esse mundo do futebol desde cedo. O futebol é uma linguagem universal, masculina ainda, infelizmente, mas que pode ser bastante sofisticada quando bem usada. É uma pena que as mulheres não tenham acesso, não sejam alfabetizadas nela, por isso vejo com muito bons olhos o crescimento da audiência feminina em programas esportivos. (RIAL, 2009)

Apesar das dificuldades encontradas, as mulheres que trabalham no radiojornalismo esportivo assumem que muitas vezes conseguem contato com as fontes de maneira mais rápida que os colegas homens. Gabriela Aerts afirma que “O pessoal às

vezes me usa para conseguir falar com alguém por telefone, porque dizem que jogadores e dirigentes sempre irão atender a um pedido feminino.” (AERTS, 2009). Situação semelhante acontece com Roberta Baldasso que diz que “geralmente consigo as informações mais fáceis. Meus colegas homens sempre me dizem isso: se o treinador não está num bom dia, a Roberta acaba sendo a encarregada pela entrevista. Eles dizem que o charme feminino acalma os ânimos.” (BALDASSO, 2009).

A partir desta pesquisa realizada, percebe-se que o número de mulheres trabalhando em funções de jornalismo é pequeno, se comparado ao número total de funcionárias das emissoras consultadas. Por meio das entrevistas pode-se perceber que aquelas que estão fora de Porto Alegre atuam diretamente com reportagens de campo, enquanto as profissionais da capital têm como principal atribuição a produção ou apresentação de programas. Confirma-se, portanto, o que foi relatado por Débora de Oliveira (2009) – única das profissionais que trabalhou tanto em emissoras da capital quanto do interior – em relação à liberdade que os profissionais de forma geral têm nos rádios de menor alcance.

Outro aspecto observado a partir das entrevistas foi a forma de ingresso das profissionais nos departamentos esportivos das emissoras. A maioria das entrevistadas, apesar de almejavam o trabalho com esporte, tiveram a primeira oportunidade no Departamento de Jornalismo e só depois de mostrar – e comprovar – o interesse e conhecimento na área conseguiram a transferência. Em contrapartida, as profissionais entrevistadas destacam a própria “feminilidade” como facilitador do trabalho no veículo.

Estas diferenças apontadas pelas profissionais acompanha as atividades exercidas pela maioria das mulheres nas emissoras de Porto Alegre: a produção. Em relação a estes indicativos também podemos relacionar com o que diz Marodin (2001) sobre as principais características atribuídas aos gêneros. Enquanto os homens são classificados como técnicos e intelectuais, às mulheres destina-se as características relativas aos sentimentos e sensibilidade. Richard (2003) contribui afirmando que o espaço funcional é destinado ao homem ao passo que o relacional é direcionado às mulheres.

Para Mariana Oselame (2009), estas diferenças podem ser amenizadas com “esforço e dedicação”. Entretanto, ela afirma que como profissional, busca ser reconhecida por suas qualidades sem tentar igualar ou se comparar aos homens. Sobre esta relação, Strey (2001) diz que a igualdade entre gêneros não significa que homens e mulheres sejam iguais, mas que as diferenças sejam respeitadas e igualmente valorizadas.

Em relação ao preconceito, a maioria das profissionais afirma que existe, entretanto, percebem que está diminuindo e projetam cada vez mais oportunidades de trabalho na área. Esta evolução, como foi apresentado no capítulo que abordou as questões relativas às relações entre os sexos, é o objetivo dos estudos de gênero. Conforme Prá (2001) a luta do movimento feminista em busca da igualdade originou mudanças expressivas no comportamento da sociedade.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BUITONI, Dulcília Schroeder. Imprensa Feminina. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

FERRARETTO, Luiz Arthur. Rádio: o veículo e história e a técnica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

LIPOVETSKY, Gilles. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MATOS, Maria Izilda S. de. Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais Contemporâneas.

OLINTO, Maria Teresa Anselmo. Reflexões sobre o uso do conceito de gênero e/ou sexo na epidemiologia: um exemplo nos modelos hierarquizados de análise. Revista Brasileira de Epidemiologia (on line), 1998.

RIBEIRO, André. Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.



SOARES, Edileuza. *A Bola no Ar: O rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

STREY, Marlene Neves (Org.). *MULHER: estudos de gênero*. 1. ed. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001.

WHITAKER, Dulce. *Mulher & Homem: o mito da desigualdade*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

Dissertação

DALPIAZ, Jamile. *Futebol nas rádios de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)*. FABICO/UFRGS, Porto Alegre, 2002

Entrevistas

AERTS, Gabriela. Estagiária da Rádio Gaúcha. Entrevista realizada em 20 de maio de 2009.

BALDASSO, Roberta. Funcionária da Rádio Estação FM. Entrevista realizada em 14 de maio de 2009.

DAUDT, Rita Campos. Ex-funcionária da Rádio Gaúcha. Entrevista realizada em 12 de maio de 2009.

FONTES, Meilene. Jornalista da Rádio Nativa AM. Entrevista realizada em 15 de maio de 2009.

LONDERO, Clarissa. Estagiária da Rádio Bandeirantes. Entrevista realizada em 23 de maio de 2009.

OLIVEIRA, Débora de. Jornalista da RBS TV. Entrevista realizada em 8 de maio de 2009.

OSELAME, Marina. Jornalista da Rádio Guaíba e Correio do Povo. Entrevista realizada em 6 de maio de 2009.

RIAL, Carmen Sílvia. Ex-funcionária da Rádio Gaúcha. Entrevista realizada em 15 de maio de 2009.